

***ONTEM
AGORA
NUNCA***
*poemas
e perguntas
sobre tudo
e nada*



Carlos Rodrigues Brandão
escreveu
André Brandão
ilustrou



afinal, o que é isso... poesia?

Quem pensa que não gosta de poesia e gosta muito de música... gosta também de poesia. Toda a música com alguém cantando ela, tem uma poesia lá dentro dela. Tanto é assim que toda a música cantada - e boa parte da música que você escuta é cantada - deve ter o nome de quem fez a música (aquilo que se toca e canta) e o de quem fez a letra (aquilo que se diz quando se canta).

E também acontece muitas vezes que você escuta uma música-com-letra e acaba pensando (ou dizendo): “gostei muito da música, mas não gostei da letra!”. Ora, a “letra” é a poesia dela. E também pode acontecer ao contrário: “gostei demais da letra. É pura poesia. Mas não gostei tanto da música!”. E todo mundo sabe que música boa mesmo é aquela ótima... de letra-e-música.

Eu mesmo tenho outros livros meus com poesias que foram musicadas por amigos músicos. Eles leram, gostaram da letra do poema e resolveram “dar uma música pra essa poesia. Os meus livros musicados têm estes nomes: Furundum! O Jardim de Todos, Os Nomes.

Este livro que eu imagino (e espero) que você vai ler pouco a pouco ou de uma vez só, é um livro de poemas, um livro de poesia. E é um livro dedicado a crianças e a jovens... de onze a cento e onze anos.

Logo nas primeiras páginas você vai descobrir que os poemas deste livro são para crianças que pensam e perguntam coisas sábias, e para jovens que cresceram e não esqueceram a sabedoria das perguntas das crianças.

Tem gente que imagina que livros para crianças têm que ser infantis demais. Tem que ser fáceis demais. Evidentes demais. Coloridos demais e pensativos de menos. Essas pessoas não imaginam o quanto a cabeça de uma criança ou de um jovem pode voar alto. O quanto pode inventar as perguntas que até hoje os cientistas e os filósofos não conseguiram responder.

Assim, este livro de poemas e perguntas sobre nós mesmos, sobre o tempo e o nada, sobre o vento e a vida, enfim, fui escrito em primeiro lugar como um livro de poesia.

E assim sendo, o primeiro desejo que eu tenho é que quem me leia sinta as minhas poesias e goste delas. Antes de mais nada, a poesia quer ser apenas isto: poesia. Os livros de história e de geografia sempre precisam explicar alguma coisa. Os de poesia não. Ainda bem!

Afinal, quando uma flor amarela flore em uma tarde de verão, um botânico poderá explicar que aquela floração é um artifício da planta para atrair insetos que a polinizem e façam com que da flor saia um fruto, e do fruto uma semente que gere uma nova planta.

Mas quando você de repente se vê diante de uma bela flor florida numa manhã de março, não pensa em nada disso, e apenas para diante dela, e por um

momento vive a felicidade da atenção de um olhar a uma flor que bem pode haver florido “ali” para dar de presente a você um puro momento de beleza... de poesia.

Estes são também poemas com perguntas. Em alguns deles elas podem parecer perguntas brincalhonas, travessas mesmo. Mas por detrás da aparência você poderá pensar e lembrar que muitas vezes fez (e talvez faça até hoje) perguntas como aquelas.

Vocês verão que todas as imagens que estão neste livro são de flores de folhas. Elas não querem ilustrar o que está escrito em alguns poemas. Querem ser apenas um breve e pequeno outro momento de poesia. Flores tão simples que nem parecem tão belas. Flores que, tal com o que está escrito em alguns poemas mais parecem flores de sonho do que da realidade. E mais flores para ver e imaginar do que para ver e pensar.

Todo o livro é uma viagem. Se na internet você “navega”, na aventura do ler um livro se você quiser você “voa”.

Boa viagem, portanto... e um bom voo!

Carlos e André



Como costuma acontecer muitas vezes no começo de um livro, quem escreveu o que você vai se ler daqui em diante se apresenta e ensaia dizer quem ele é, como ele é, ou como imagina que ele seja, se acaso fosse como pensa. Assim...



Eu! Eu. Eu?

Acordo e mal lavo o rosto.
Faço ginástica e... torto
escovo os dentes de um outro?
Me visto pra ir pra onde?
de pijama e sobretudo,
cueca, calça e camisa.
Esqueço o dever-pra-casa
e faço o “dever-pra-vida”.
Me esquivo de ser quem fôra.
Me esqueço de ser eu-mesmo
e me acho em não-sendo alguém?

Eu não busco uma saída
ou qualquer rumo que me leve
pra onde eu nunca quis ir.
Me reinvento de anjo
de palhaço e equilibrista
manobrista de balão
de saltimbanco e sambista
de bispo, cavalo e torre,
e no jogo-xadrez de sempre
Prefiro a rei, ser peão!

Volto à escola e soletro
de trás pra frente o “abc”.
Reaprendo a ser sentente
(como o que mora em você
E você nem sempre sente!)
Me disfarço de ermitão.
Começo perto do fim
e não chegar ao começo
é o que eu planejo... e assim
não sonho ser quem desejo,
e amar quem eu não mereço
é tudo o que eu quero, enfim.

Quero escalar o Aconcágua
e lá do mais alto gritar
pra quem em ouça e ninguém:
“esqueço o que eu sei de mim
e o que eu faço é o que não fiz!”
Mas quando eu volto pra casa
onde eu vivo, mas não moro
escrevo num quadro a giz
(e logo depois apago)
tudo o que eu tenho a dizer
de teoria e teorema,
pergunta, prece, oração

prefácio, tese e poema
(de que sou sempre aprendiz)
pro livro de poesia
que eu não sei se escreverei...
E mais geografia e receitas
de pão de queijo e farofa,
de frango assado e feijão.

Caio fora da internet,
(que você domina e eu não!)
de blogs, do face-book
do “*msn*” e das redes
(que me enredam dia-a-dia).
Até sentir que, esquecido
de quem escreveu tudo isso
não sabe se foi ou não
esse, que ainda há quem chame:
de... *Carlos Rodrigues Brandão*.



Eu? Eu. Eu!

(de novo, ao contrário)

Vindo de quando e como o vento... de onde?
Trouxe o meu corpo, mera alegoria
e mais o espelho opaco que me esconde.
Metade, a mascara de barro de meu rosto,
metade o que sobrou do que me invento
com um tanto de malva e sal a gosto
e alguns retalhos de acaso e de folia.

Sem nada, sou um rico, e saltimbanco
armo lona de circo, faço festa
e não desejo o que me falta na algibeira.
O que não tinha, agora tenho: tempo
e por isso escrevo isto lento... lento.
Tempo é o que eu peneiro na peneira,
e esse momento é tudo o que me resta.

O que eu fui, o que fiz é agora o invento
de soletrar no caderno o esquecimento,
até restar limpa a lousa da memória,
tal como no voo a ave esquece o ninho
como de um barco a terra some aos poucos
como fecha a casa quem vai pelo caminho
e esquece a chave enquanto vai embora.



Existo?

Sou eu quem fala
ou quem é que me fala
aqui, por mim?
Sem saber se o que fui
não foi e nem houve enfim.

agora eu, um Carlos
(um soprinho de seis notas)
empilho mil documentos
colo dois selos e mais
um retrato três-por-quatro,
assino na linha embaixo
e já não sei se eu era
ou se ninguém, e assim...



Vindo... de onde?

Lá de onde um dia eu vim
já não era então lugar algum.
Se era, como é que antes fora
um não-lugar sem começo
e sem meio, e até sem fim?
De onde eu vim não há nada
e nem o nada há por lá, enfim.

Mas até lá eu fui, e indo
vim de um lugar que não há?
E já que eu cheguei aqui
(mas será que o "aqui "existe?)
eu paro e pergunto assim:
"de onde eu venho se eu não fui?
E quem sou eu que vim de lá
e cheguei sem saber de onde foi
e sem lembrar nada de mim?

Caminho... caminho?

Eu caminhava um caminho
que ia ao lado de um rio,
e quando foi de repente
virei uma curva, duas...
e vi que o caminho sumiu,
porque o rio que havia ao lado
todo o caminho engoliu.



Parei e olhei três vezes
e quando vi o que eu via
vi que o rio se terminava,
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco
ao lado de onde eu andei
havia um eu que pensava:
"havia mesmo um caminho?
havia ao seu lado um rio?
Ou será que nada havia?
O rio que era, era um sonho,
o caminho nunca houve
e nem quem andava existiu?"



O azul de tudo

Acordei azul como a azulão
(passarinho que azula quando voa).
Molhei as mãos nas águas do sereno
e o azul azulou em minha mão.

Olhei o céu do começo da manhã
e o que era grande gostou de ser pequeno
e o mundo inteiro morou na minha mão
como brinquedo que a gente brinca a toa.

Foi quando era quase noite e quase dia
e o que já foi ontem virou hoje
e o que fora antes foi agora
e o que era nunca foi então
e mesmo a chuva virou botão de flor
o que foi silêncio virou canto
e azulou de cantiga o que era pranto.



Lembrar de ser

Quero lembrar
e me narro
a narrativa
dos farrapos
do tecido
entre as palavras
e os silêncios
que em segredo
eu teci.

Uma trama
trançada
a fio de vida.
A lembrança
perdida
e não lembrada
do que eu fui
quando eu era
e cresci
e vivendo,
eu vivi... e esqueci.

E passa com o vento

Vindo eu pela noite
entre a pressa e a calma
trago na trouxa da sacola
o resto do sopro de meu corpo
e o lado direito de minha alma.

Trago o segredo da semente
onde a vida se acha e se semeia
e floresce como a flor
antes da flor.

Não sei o que sonha
quem depois se acorda
do sonho que sonhou
e esqueceu.

E assim nada sei
do que eu sonhei.
E não sei se chamo
“sentimento”
isso que sinto
e agora, como eu
vem de longe
e passa com o vento,
e voa, voa e vira
“esquecimento”.



O semeador do oitavo dia

A lavoura que eu plantei
floriu em abril
e agosto secou
o que era palha.
Havia flores
e alguns frutos eu colhi.

Fora as sementes
Que eu guardei pra março
O que sobrou na terra
Que ainda valha?

Sobraram as sementes
que eu plantei.
Sobrou o sol
a chuva e o vento
e mais o trabalho
que eu vivi!

Lembrar, esquecer

Com lã e linho tinto teço
o arremedo dos feitos
que eu não fiz.

Com agulha fina escrevo
no tecido de seda um texto,
um conto ou um canto
ou uma estória antiga
e com final feliz?

Sei que eu em me lembro
e com saudade escrevo
uma carta minha pra mim mesmo.
E soletro o que a minha mão
recorda, fia borda e tece
e a memória de quem eu fui
desfaz, apaga e esquece.

Minha fogueira

Nada fiz que não fosse
feito um dia, antes.

Nada fui que não tenha
sido ainda.

Minha fogueira
é em outros, cinza fria.

E só no outro
eu vejo a alma de meu rosto.

E só no seu rosto amigo,
eu me reencontro todo o dia.



Quem? Quando? Onde?

Aqui estão alguns poemas carregados bem mais de perguntas do que de respostas. Porque afinal, talvez nas perguntas sem respostas estejam escondidas as melhores respostas. Ou pelo menos as mais cheias de poesia.



O primeiro

Quem não veio?

perguntou quem não chegou.

Eu não sei!

respondeu quem nem estava.

E como eu haveria de saber

se eu não cheguei lá onde

quem não veio ainda não chegou?

Ora bolas! gritou de onde

quem ainda nem por longe andava.

Se você não veio e não sabia

como é que pode dizer isso ou aquilo,

se nem mesmo estava por aqui

quem não te falava.. e nem te ouvia?



O segundo

Quem era eu
quando eu não existia?
E como eu me chamava
quando o meu nome
nem era e nem havia?
O que era meu,
quando eu nada possuía?
E o que eu pensava que sabia
quando nada ainda eu não sentia?
E o que era que eu sentia
quando menos ainda eu sabia?
E agora eu pergunto:
Será que pergunta isto, agora
tem alguma razão ou serventia?

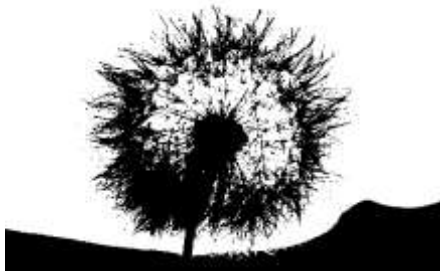


O terceiro

Quem eu era antes
sou agora?
Ou a gente que eu fui
já foi embora,
e me deixou aqui
perguntando isto a você,
e a essa hora?

Não relembro o que fui
enquanto havia a história
do que me houve
e sonha ser a vida
onde a volta chegou
antes da vinda.

E por não existir mais
agora, riscada a giz
e desenhada a cores
no tecido da toalha
da memória amada
ela é nada... nada.
e sendo nada, é infinda.



Na mala e na mochila

Arranjos do viajar... e de ir pra onde?
uma sacola de lona cinza
um relógio sem ponteiros
um calendário de dois-mil-e-cinco
duas petecas e três camisetas
(na segunda escrito o que eu sinto)
e com o rosto de Carlitos na terceira).
Uma escova de dentes, um sabonete
um caderno de espiral para o diário
dos dias de lembrar e de esquecer
um lápis azul, uma caneta, um arco-íris
uma sandália de palha, uma lanterna
um livro de Drummond, outro de quem?
um canivete, um lenço verde e branco
uma capa de revista com um barco a vela
um mar de água e verde, a praia de uma ilha
e a espera sem pressa de um alguém.
E o vento, o vento, o vento, o vento ainda
e atrás do vento os dias todos por viver.
Um passaporte sem retrato e assinatura.
E no lugar do nome, um nome assim:
“ninguém”.

Vida... vida?

Do acaso inesperado
surge a espera
de que coisa alguma
aconteça agora.

Nada existe dentro
e não há nada fora
E nenhum verão vem
depois da primavera.

Meu coração nem sente
e nem decora
o abecedário do Carlos
que eu ontem fui.
Ele sonha o que eu não sei
e eu sonho vida afora
com um lago que eu sou
e hoje é um rio... e flui.

Vida é o que eu vivi?
E noes fora... nada?
E é dela que eu lembro
quando acordo e esqueço?
E é na noite escura,
na hora em que ela vira madrugada
a hora da era em que amanheço?
E a casa em que moro quando chego
é apenas começo de outra estrada?



Depois de alguns poemas perguntando e meio que respondendo sobre quem sou, se é que eu sou mesmo e existo, agora vem uma pequena série de poemas que sonham e pensam o mistério do tempo e do nada... que talvez seja apenas o tempo antes do tempo.



o tempo do tempo

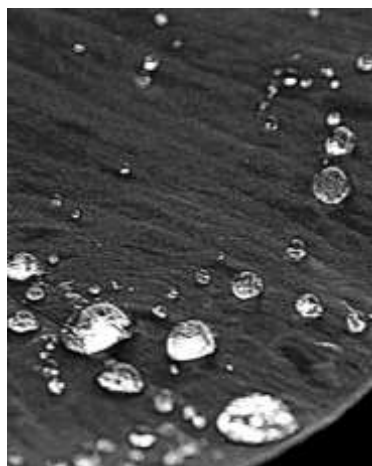
Se o hoje já não é ontem
e nem o amanhã é o agora,
será que algum dia volta
pra ser de novo outra vez
o que um dia foi embora?



Mas se o hoje já foi ontem
e sai do agora o amanhã,
se tempo nasce do tempo
o que será do que à tarde
Já era assim de manhã?

Aonde?

Aonde mesmo estava
o que já era e havia
quando chegava
a hora do onde
em que o que era já
o que era e agora é,
e o que havia...
já havia... e há?



Heráclito foi um filósofo da Grécia de muito, mas muito tempo atrás. Ele acreditava que nada existe a não ser o movimento, o que passa e se transforma sempre, sem cessar. Nada há a não ser o fluir de tudo. Uma de suas frases mais conhecidas era mais ou menos assim: "ninguém se banha duas vezes no mesmo rio".



O rio de Heráclito

Um rio nunca está
lá onde estava,
e sempre está
onde ele esteve.

Um rio navega
e não vai nunca
a parte alguma.

Um rio é imóvel
e ele foi... e flui
entre água, areia
e espuma.

E as suas águas,
sendo muitas
são só uma!



A água de Heráclito

A água que estava
na poça do chão
onde você caminha
agora está na nuvem.
E como a chuva
(com raio e trovão)
lá do alto ela cai
na sua cabeça...
e na minha.



A chuva de Heráclito

Caiu a chuva.
Passou a chuva
no azul do céu
e a luz do sol saiu.
Tudo normal como sempre.
Só que ninguém viu
que na planta molhada
entre chuva e sol, uma flor
mais azul que o céu... floriu!



Quando?

(de novo)

Quando foi que começou
o que já houve e se foi
num outro tempo tão outro
aqui nessa mesma Terra?

Ou mesmo lá longe, longe?
Em outro mundo ou esfera
em que nem mesmo aquilo
que já foi algo algum dia
ainda nem mesmo era?

O tempo e o nada

Agora já foi o tempo
que ainda agora
era um antes de antes
de haver um antes
que houve antes
de agora!



Um tempo antes do tempo

Foi-se o tempo
em que o tempo não havia!
E não havendo o tempo
o que existia
era o não-haver do tempo
antes do tempo,
como uma taça de chá
sem o chá dentro.



Tudo era então nada
e o puro nada
era então tudo o que havia.
E o nada o que era então?
E o que era o nada
no tempo em que o tempo

não corria?

O que era o nada, diga
se não havia nada
e nem o nada do nada
ainda existia?
Seria tudo então
como um alguém
que de tudo
nada não sabia,
e mesmo esse nada...
ele esquecia?



O outro, o tempo, o nada

Ponto! Partiu!
Foi-se embora o tempo
que ainda ontem era agora.
Que foi o antes de antes
de haver até mesmo um “antes”.
Que houve depois de ontem
e havia depois de quando?
De qual minuto? Qual hora
que antes de vir já foi?
Que antes de ser já era,
e sumiu sem deixar nome.
Que nem fica e nem espera!
Que começou quando nunca
e acabou antes de agora!

Então...

Cuidado ou tolice?
Calado, em silêncio
sozinho esperava
que o rosto do nada
nunca se visse,
que o falar do silêncio
ninguém escutasse
e que o som do infinito
também não se ouvisse!



Tudo? todo?

E o todo de tudo
(de tudo o que existe)
é o tudo do todo?
Então nada é ninguém
se ninguém é o nada?
E se atrás de um ninguém
há um alguém... também?

O que você vai ler daqui em diante são poemas sobre algumas pessoas que talvez nem tenham existido. Mas, se eu escrevo agora sobre eles, será que eles existem... porque foram lembrados e foram escritos?



Um homem que ouvia a vida

Queria solfejar
o cantorio
que ele jura
que há no som
do céu do chão.
Encostava o ouvido
no fio d'água
e escutava dos
peixes o seu pio.

Quando no escuro
da noite trovejava
e toda a gente em casa
se escondia
ele saia pra chuva
e se molhava
e ele gritava:
*vem lá do céu
essa canção!*

Se caminhava
parava de repente,
e em silêncio
todo silenciava
e ouvia atento
o ruído do murmúrio
do arvoredos
quando nele viaja
o voo do vento.

Jurava que ouvia
o som do mundo
quando ninguém
escutava som nenhum.
Fazia ao contrário
as suas contas
e soletrava:
*dois mais dois
é igual a um.*

O que ele tinha
e o que não tinha
repartia
com crianças
cujo rosto
não lembrava,
com crianças
cujo nome
nem sabia.

Quando morreu
deixou escrito isto:
*Me enterrem longe
bem lá longe,
onde não haja perto
o som algum!
Lá onde em silêncio
a mãe terra
semeia o algodão
e depois colhe,
tece e fia.*

*Lá onde enfim
eu ouço da noite
o que ela canta,
e no silêncio do só
eu só escute
do som do nada
a sua suave melodia.*



Um marinheiro, poeta

Lá pelo outono de sua vida
ele viajou a uma terra longe
e ali fez a sua casa de sozinho.
E plantou nela um jardim
E foi porto onde viveu
e ancorou a sua vida, afinal.

E, marinheiro, ele navegava
entre mares por onde semeava
flores brancas como as velas brancas
indo do jardim da sua casa
até o mar do fundo do quintal.

Um menino... quando ficou velho

Ele cheirava a chuva
e via o vento.
Pensava que a noite
era um momento,
e que tudo o que havia
havia dentro da semente
de onde brotam
a vida e o tempo.

Existe uma pequena história do Budismo Zen, do Japão, que narra o seguinte. Um monge dormiu profundamente. E no seu sono ele sonhou que era uma borboleta. E acordou. E quando saiu do sono e do sonho, ele não sabia mais se era um monge que sonhou que era uma borboleta, ou se era uma borboleta que sonhou que era um monge. Eu fiquei muito impressionado com essa estória. E então escrevi alguns poemas pequenos sobre um sonho dentro do outro.



O sonho do outro

Com quem mesmo é que sonhava
o homem que eu vi em meu sonho
quando deitado e dormindo
dentro do sono eu sonhava?

E eu dormindo sonhava
um sonho longo e estranho.
Um sonho sem cara e nome
de quem sonha adormecido
dentro de um sono pesado,
e depois de amanhecido
após esfregar os olhos
ainda sonha acordado.

O que foi que aconteceu?
O que terá sucedido
no sonho dele e no meu?
Nunca eu soube o nome dele
e se era um estranho ou amigo!
Será que eu caí no sono
pra sonhar o sonho dele?
Será que eu sonhei com ele,
pra ele sonhar comigo?

Outro sonho?

Eu sonhei
que me sonhava um dia,
e no sonho sonhava que existia
um outro alguém sonhando
um misterioso sonho *sobre mim*.
E ele me sabia e me lembrava
o que antes sonhando eu recordava
e depois, acordado eu esquecia.

Eu dormia e dormindo
sonhava o sonho que eu sonhei
até quando veio a hora
em que de dentro sono
em que eu sonhava
eu acordando acordava...
e me acordei.

E então vi que o que no sonho eu assistia
o que agora acordado eu revivia.
Mas tudo o que no sonho eu relembrava
do que ele no sonho me contava,
agora, acordado, eu esquecia.

Lá dentro do sonho... um sonho

Sonhei que sonhava
um sonho estranho
que só se sonha
quando o sono acaba.
Sonhei que dormindo
alguém me sonha
e no sonho que me sonha
eu sonho o sonho
de um alguém
que sonhando
me sonhava.



*Um outro sonho
(de novo)*

Se eu soubesse
que sonhando te acordava
do sonho em que me sonhas
noite adentro,
(ah, sonho de meu rosto
e meu retrato!)
eu me sonhava
e era a minha vida
o meu passado
e a poeira que deixei
no chão da estrada.

A viagem que fui.
A luz, a sombra.
Os meus guardados
de canto e de segredo.
Minha glória, pouca,
meu degredo.
Tudo o que fui
e lembro quando sonho.
Tudo o que lembro
e esqueço... acordado.

Quem... quem?

Quando eu durmo e sonho
o homem que aparece
no meu sonho... sonha?

E eu? Eu sou eu mesmo
ou eu sou somente o sonho
de um outro homem com sono
que quando dorme... me sonha?

E quem é mesmo que sonha
o sonho onde dorme e sonha
o homem que a mim me sonha?

Será que sou eu, com sono,
que quando adormece sonha
o sonho onde dorme e sonha
o homem que a mim me sonha?

E quando eu acordo
aonde está e o que é feito
do homem que eu sonhava
que adormecido me sonha?



um outro sonho
(*ainda!*)

Sonhei que eu era ontem
e não havia em mim
lugar algum que fosse eu.
Trouxe nas mãos
que me emprestaram
o que sobrou de um ontem
que nem houve. E assim
não sei o que me sonha
quando acordo.
E então nada esqueci
do que não sei.
E não sei se eu chamo
sentimento
isso que eu sinto agora
e, como eu, vem de longe
e pra mais longe ainda
passa e vai com o vento.

O sonho, o vento

Sonho o esquecido.
Em mim viaja
o voar do vento
quando o vento venta.
Sonho o que não sei
e adormecido
o sonho inventa.

Acordo e esqueço
o que sonhei.
E me pergunto aqui
se sou quando acordado,
ou quando sonho
o sonho que esqueci.



Sonhei que sonhava

Sonhei que sonhava
um sonho estranho
que só se sonha
quando o sono acaba.
Sonhei que dormindo
alguém me sonha
e no sonho que me sonha
eu sonho o sonho
de um alguém que sonhando
me sonhava.

*Meu sonho, meu retrato?
(como o outro, mas não tanto)*

Se eu soubesse
que sonhando te acordava
do sonho em que me sonhas
noite adentro,
ah, sonho de meu rosto,
e meu retrato,
eu me sonhava:
minha vida, meu passado.
A poeira que deixei
no chão da estrada.

A viagem que fui.
A luz, a sombra.
Meus guardados
de canto e de segredo.
Minha glória, pouca,
meu degredo.
Tudo o que fui
e lembro quando sonho.
Tudo o que lembro
e esqueço, acordado.



O desejo da neve

Pousada de noite
sobre o ombro de Buda
que de noite dormiu
uma gota de neve
sonhou que era um Buda,
e derreteu... e sumiu.



A fio de vida

Memória de viver.

Águas ao vento.

Moinho de pedra

que a própria pedra mói.

Caminho esquecido

do começo.

E o passo de quem volta

pelo mesmo caminho, o mesmo!

Ferida na pele de meu rosto

que mesmo sarada

ainda dói.

Lembramentos

A saudade que eu tenho
não é de do lugar de onde eu vim,
e nem é a saudade do que eu fui
quando eu fui quem eu era
bem antes de ser eu, enfim.

A saudade que eu carrego
e vem vindo comigo vida afora
e viajando com o vento,
mal chega até onde chegou
o que já passou... e foi embora.

A minha saudade
é a saudade do lugar
lá pra onde eu viajo agora
levando na mão o que sobrou
no fundo da mala e da memória.

Lembranças de quem veio
lá do lugar pra onde vai.
Saudades de quem volta
até no lugar onde não foi.



A vaga lua

E nem era
a noite ainda,
não ainda!
E já tão cedo
a lua chega agora.

E a noite clara
se clareia inteira,
e de clara que é
acende antes da hora
a clara luz da lua cheia.
E ela apaga com sua fogueira
o fogo de todas as estrelas.

É claro o escuro
que havia até agora
quando o sol se foi
ainda há pouco
e a lua clareia a noite
e se demora
em clarear o claro
dessa hora.

O mar, a ilha

Como um navio
uma ilha ancora aqui.
Como um barco
ela recolhe as suas velas
e ao vento pede agora a paz.

Ela deixa que a areia
banhe a sua proa
e brinca de ser um porto
pequenino
quem foi antes trilha
e foi caminho,
e nos mastros altos
acolhia de tarde
os passarinhos.

E festeja de ser casa
o que é vento e ventania,
e parada pra sempre
a ilha viaja ainda
como viaja quando sonha
no seu sonho de marujo
um menino.



O claro resto de tudo

Restou de toda a noite
apenas este resto de poeira
que o dia vem e vê e varre.
E no entanto por que
tudo reluz ainda com a luz
de uma estrela que lá no céu
esqueceu de apagar sua fogueira
e ainda agora brilha na manhã
acesa em luz de brasa inteira?



Num lugar da Itália existe uma pequena aldeia chamada Ala. E por ela passa um rio chamado Isarco. Passei por lá viajando de trem uma certa tarde. E me pareceu que a pequena aldeia chamada Ala, nos seus montes toda ela se esticava do chão até na torre da igrejinha para ver o rio Isarco passar. E imaginei então este longo poema. Longo como um rio...



A aldeia e o rio

Se alça Ala
(pequena vila)
por ver o rio.
Por isso a igreja
tem torre alta.
Por isso as casas
sobem nos montes
e escalam neves
pra ver do alto
o rio Isarco.

Se alça Ala
a ver o rio
quando ele passa
ao lado de Ala.
E o rio que passa
vindo dos Alpes
em fundos vales
e alteia em Ala

o rumo lento
de seu passar.

Lento e ligeiro
o rio soletra
ligeiro e lento
traço de azul
terço e rosário
de peregrino.
Rio de veludo,
verde-azulado
desce o Isarco
como um viajero
por seu caminho.



Num tempo antes,
verdes pinheiros
brancas as neves,
entre outras eras
de um tempo quando
de Ala no vale
tão pouco havia.

Cidade alpina
vila de estrada
agora em Ala
a vila se alça
a ver o Isarco.
Até quando, Ala?
Até quando, Isarco?

E quantas vezes
de quantos dias
em quantos anos
de outras línguas
terá por aqui
passado o Isarco?

Terá viajado
sem esse nome:
Isarco, o rio,
por outras vilas
sem o nome: Ala?

Aqui, quando hoje
Ala se alça
pra ver o Isarco.
E quem hoje passa
e longe vê Ala
e olha o Isarco
aprende e sente
que o Rio e Ala
têm olhos
e se olham.
Têm alma
e se amam



e se amam...

Um riacho na montanha
(*um outro rio, num outro monte*)

As tuas águas são,
águas nascendo,
como as águas
que não nasceram ainda.
Tão claras
que nem parecem águas.
Tão breves
que nem parecem infindas.



Um outro vento

Veja o vento!
Ele veio de viagem
de um lugar longe daqui.
Mas, o que é “longe”
(o vento se pergunta)
quando quem veio de longe
já está aqui?

E é a noite ainda

Todas as noites
quando a noite finda
e outro dia vem
eu sonho que o dia
é a noite ainda.

As flores e nós

Só as rosas nos salvam do abismo.
Só as violetas nos fazem saber
que não sendo uma delas
somos quem pode saber
que elas são flores,
somos quem, sentindo
o ser das flores
pode senti-las
e sabe amá-las.



Fazer/criar

Tudo o que se faz depressa
é a pressa que se perde
no que não se cria.

O ato quer sempre acontecer
antes do gesto.

E o fato esquece que ele é
somente a foto do feito.

O claro da luz

Alguém de repente
risca um fósforo
e acende uma vela.
A manhã chega mais cedo
na aurora desse gesto de duende.

Alguém clareia o mundo
e vai embora
e deixa pelo caminho
trilha afora
as marcas dos seus pés
de flor e de semente
e de anjo e gente.



O pensar, o sentir

De tanto pensar
e se pensar pensando,
de tanto ser pensado
um pensamento
esqueceu uma manhã
todas as palavras que sabia.

E então, entre feliz e assustado
ele se pensou sem elas,
e ao se pensar sem nada
descobriu que o pensar
é como uma casa grande
sem parede, sem teto e sem telhado.
Uma casa de portas sempre abertas
e de vento, de caminhos e janelas.

Eu... Você

Eu só me ouço
quando te escuto.

Eu só me vejo
se te contemplo
amigo, amigo.

Eu só me sei
quando te sei
e só entrevejo
o ser que eu sou
quando me dizes,
quando me falas
o que de mim sabes
e eu não sei.

Eu não me penso
quando me penso,
e só me penso
quando me pensas.
Quando eu te penso
para sabermos
quem somos nós.

Tu só te ouves
se te contemplo
e se te contemplo
é quando eu me vejo
no que te vês.

Tu só te sabes
quando de mim sabes
o que aprendes,
e só compreendes
o ser que és
quando eu te digo
o que te sei.

E assim sendo,
só nos sabemos
quem somos nós
quando nos vemos
no olhar do outro,
quando escutamos
de um outro a voz.

Vida! Vida?

Existimos aqui *ou então...*
quando?

Um cair de gota de água
somos nós?

Somos o tempo
do pio de um passarinho?

O bater de asas de uma borboleta
somos nós?

Somos, como a areia do deserto,
eternos?

Ou *somos o vento que passou*
antes de vir,

E, como nós, *não sabe de onde veio*
e nem se lembra enquanto volta
pra onde vai?

Somos um primeiro clarão
do sol da manhã cedo?
Ou somos o que há entre a noite
e a aurora do dia que começa
quando mal a luz clareia
o verde do arvoredo?
Somos eternos como a flor
que flore um dia?
Ou somos passageiros
como a terra onde ela cai?



Eu sei e não sei

Eu sei o que eu sei
e sou o que eu sinto
quando eu sinto e sei
o que eu sou e sinto.

Mas eu também sou
tudo o que não sei
e sei que eu estou
onde não me sinto
ou onde eu me sinto
sem saber quem sou,
onde eu sou e sei
ou não sei, mas sinto.

Um homem que semeia

O mesmo sol que seca a terra
molha de água e sal as minhas costas
enquanto a enxada escreve a minha obra
na página em branco desse chão de terra.
Curvado sobre a terra eu abro um sulco.
E ali semeio o grão. Semeio a vida.
No seu prato entre a comida que tu comes
está também um pouco do meu dia.
Em silêncio estou contigo ali,
e em silêncio eu te vejo
comendo o que eu plantei
e bebendo o que eu colhi.

A fala do silêncio

Repousando o ouvido
no chão do silêncio
em silêncio escuto
o cantar do silêncio.

E o que silencia.
e o que eu silencio
é o dizer do nada
que o silêncio ouvia.

Só a fala apaga
o cantar do silêncio.
E quando nada se ouve
(ou se ouve o nada)
se escuta a toada
que o silêncio canta,
que em silêncio, cria.



E eu ali, de pé

De pé na amurada
de um navio
eu vejo tudo o que existe
dentro e em volta desse rio.
E eu vejo tudo o que se move
e passa, por onde parado eu viajo
neste barco que navega,
rio abaixo.

E sendo assim, lá vou eu
de pé na amurada do navio.
E tudo o que eu vejo,
vejo que se move.
Tudo o que eu vejo viaja,
menos eu, menos o barco,
e o seu vogar sem fim
no espelho claro e calmo
das águas sem pressa desse rio.

Aqui, ali, lá, acolá

Clico com o dedo a tela clara
e no voo do Google do meu micro
em um segundo eu viajo até o Japão.
Enquanto isso, no chão uma formiga
viaja bem mais longe do que eu
caminhando no seu globo sem limite
dentro de um mundo tão sem fim
que existe em uma folha seca
caída sobre a terra de um jardim

Nasci em Copacabana, no Rio de Janeiro. E eu vivi os primeiros dez anos de minha vida na beira do mar. Mesmo depois de gente grande, quando era já um jovem e morava na Gávea, no mesmo Rio de Janeiro, eu continuei sempre indo até o mar com meus amigos. Depois fiquei grande, casei e fui viver bem longe do mar. Mas o mar da minha infância viajou pra lá comigo... dentro de mim.



Três poemas de amor ao mar

O primeiro

Amei o mar.
Foi quando era menino
e molhava os pés na água
e era um anjo,
e voava entre o azul do céu
e o azul do mar
carregando uma estrela
em cada asa.

Gostava de andar
pelas areias
ali onde a onda
se termina
e desenha na praia
o meu destino.

O mar não era mau
nem inimigo,
e morrer nele era viver
em outra casa.
E agora, longe
quando eu me vou
por caminhos
onde há vales e veredas
e são outras as areias,
é o mar que eu amei
quem vai comigo.



O segundo

Venho vindo de um tempo
quando eu era quase o vento
e viajava em maio
de um país a outro
e entre velas velejava
o meu espanto.

E hoje, quando há vento
escuto o que ele fala
e escuto tanto!
E vejo que a noite, noite afora
o tempo, o mar e o vento
tudo o que há se move
a todo tempo.
Tudo menos eu,
ah! menos eu... agora.

O terceiro

Houve um dia no mar, era janeiro
e era sábado no mar azul do Rio
(a terra onde faz tempo eu nasci).
O sol se escondia entre as montanhas
e era tarde mas era o dia ainda.
Em um lugar azul de nuvens brancas
havia nas favelas lá do céu
uma festa de gaivotas viajantes
como aves marinhas da aventura
de voarem de tão longe até aqui.

As pessoas da tarde festejavam
estar ali numa hora como aquela
e ser alguém entre tudo quanto havia.
E sentadas no chão elas comiam
porções de pão de queijo com farofa
e mais pedaços de mangas em fatias,
batatas fritas, sanduíches de salame
numa tarde como aquela, aquele dia.

E elas eram felizes como os pássaros
que voavam e pelo vento iam e iam,
porque era sábado e era azul a tarde
E a cor do céu, da cor do azul do mar
saltimbancava de férias e magias.
Tropelias que os adultos festejavam
enquanto as aves voando repetiam
canções de sonho, de antes ou de circo
e os meninos com pequenas pás de plástico
nos seus baldes de três cores recolhiam.

E de longe, de repente o que se via

Lembro de quando
era bem cedo
e um boi vinha vindo
pela estrada.

E era manhã e ali havia
um sol de agosto e tudo
era como um céu
de um meio dia.

E então era em Minas
E era estreita e era antiga
a antiga e de terra a estrada
por onde o boi viajava
e, lento, de longe lá se vinha.

E de longe, bem longe
de repente o que se via
de tudo o que lá ia
e de lá vinha
sobre um morro
longe, lá em Minas,
era um boi parado
numa estrada
e uma estrada
que pelo boi andava.

Vida é o que eu vivi?

Do acaso inesperado
surge a espera
de que coisa alguma
aconteça agora.

Nada existe dentro
e não há nada fora
e nenhum verão vem
depois da primavera.

Meu coração nem sente
e nem decora
o abecedário do Carlos
que eu ontem fui.
Ele sonha o que eu não sei,
e eu sonho vida afora
com um lago que eu sou
e hoje é um rio... e flui.

Vida é o que vivi?
E noes fora... nada?
E é dela que eu lembro
quando acordo e esqueço?
E é na noite escura
a hora em que amanheço?
E a casa em que moro
é o começo do início
do princípio do começo
de uma outra estrada?



Eles...

Assim eles foram
os que vieram
e aqui chegaram
sem dizer nada,
aqueles meninos
vindos de onde?

Assim se foram
os que chegaram,
os que se foram
os que partiram
os tais meninos
de lá de longe
de onde vindos?
Chegados quando?

Saíram cedo
os três meninos
antes das sete
eles se foram.
Levavam nada
nem pão, nem água.
E silenciosos
foram embora
estrada afora
os três meninos.

E se sumiram
e lá se foram
de uma maneira
tão de repente.
Mas com um jeito
tão de um amigo
que havendo ido
parece mesmo
que nunca foram
E nunca, nunca
havam partido.

Pensar?

Não sei o que penso
quando aquilo que eu penso
é o que dizem a mim
que eu preciso pensar.

Mas eu penso o que penso
e sei bem o que eu penso
quando eu sinto que penso
sem eu ter que pensar...



Um som de sapo

Pois pra
quem sabe
ouvir a vida
todo o dia,
o som
de um sapo
coaxando
é melodia!

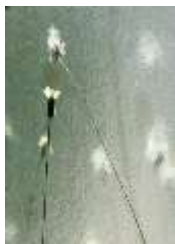
Borboletas/bordadeiras
as irmãs bordadeiras de Pirapora

Borboleteavam
as borboletas
como se ontem,
como se outrora,
por entre os dedos
das mãos de fada
das bordadeiras
de Pirapora.

E as bordadeiras
no seu bordado
copiavam cores,
as sete cores
do arco-íris
da cor das asas
das borboletas
entre seus voos
e os seus amores.

Teciam fios
as bordadeira
de Pirapora.
Copiavam cores
que as borboletas
iam trazendo
pros dedos delas
de outros ares,
de lá de fora

Nas suas asas
trasncoloridas
de cor e vida
do verde vivo
que a vida adora
ao azul do céu,
da cor do lírio
à cor da amora.



Um bosque no inverno

Tudo é neve.
Tudo em silêncio
Um silêncio de gelo
Branco e profundo.
Mas, debaixo dele
os bichos da terra
no escuro da neve
estão semeando
a vida do mundo.



Elas florem e voam, e nós pensamos

Florem no mato os *pés de Ipê lá longe*
e entre verdes salpicam a cor do ouro,
quando *de novo um outro mês de abril*
tinge e pinta de amarelo o horizonte.

Anoitece lento e um céu de outono
promete chuva até o fim do dia.
No céu *um tom laranja veste as nuvens*
com o que sobrou de março *e sua festa*.

Vêm as abelhas e entrevoam flores
e os sabiás procuram outros frutos.
O *amarelo se descora de cinzento*
antes que a noite cubra tudo
com as estrelas de seu azul escuro.

As abelhas, sabiás e flores vivem
e são tão sábias apenas por viver,
enquanto sobre o infinito meditamos
encalhados entre as paredes desta sala
sem saber da tarde a arte ao pôr-do-sol,
e sem ouvir como a Vida respondeu
com a cor do Ipê e o pio dos sabiás
às perguntas que na sala perguntamos.



Quem veio? quem disse?

(perguntório, de novo)

Quem veio?

Disse quem estava.

Quem chegou agora

e veio vindo lá de fora?

disse quem ficava

mais de fora do que dentro

e menos “entre” estava

do que “em”, e embora *fora*

sobre isso tudo perguntava!

Quem não veio ainda

e onde anda a sua vinda?

Disse quem não veio

e pensou que já voltava

pra onde veio não vindo,

e nem esteve lá onde achava

que estaria antes de sua vinda.

*Quem já não vem
e é todos e é ninguém?
perguntou quem pensa
que é, e ainda nem existe*

*Quem vem de lá
e, vindo, já está cá?
Perguntou quem veio vindo
de nunca, de lá e de acolá.*

*Quem é que já estando
não veio e nem chegou?
perguntou quem disse alto:
Agora chega, pronto, basta!
o perguntório que houve
nunca houve. E se houve
já era... e se acabou!*

O desejo do antes

Eu queria
ser o antes
diz o agora,
e sonho tanto
ter que me lembrar!
E sofro tanto
o ser sempre
e só... o já.

Pois sou
um presente
sem um antes
e sem depois.

Mas depois
de saber
o que já é
eu queria
aprender
o que já foi!

O tempo apressado

Depressa!
Grita o hoje,
não demora!
E de longe
o amanhã
responde calmo:
Quem me chama
se eu nem existo agora?

Enquanto
mais longe
o ontem chora.
Já esqueceram
de mim aqueles dois
só porque eu já era,
fui hoje... passei
e fui embora!

A pressa, a calma

Vem a hora
em que quem
se apressa
mais demora,
e quem chega
sem pressa
vem depressa
e sem apuro
vai-se embora.
E fica fora
quem estava dentro
e vem pra dentro
quem estava fora.



A sombra e o nada

Sozinha de só
no meio do dia
de um dia claro
do claro do sol
caminha pelo chão
a sombra de um cavalo
trotando e galopando
pelo caminho da estrada.

Veio a tarde
e veio a noite
foi-se o sol
e anoiteceu o dia.
E escureceu a estrada
por onde o cavalo
ainda galopa e trota,
e a sombra... nada.

a chuva, o sapo

Chove bravo no cerrado
chuva de abril, atrasada:
aguaceiro e aguaceiro
raio, trovão, trovoada.
E molhado até os ossos
pergunta um sapo amarelo
pra saporada assustada:
choveu, molhou e vai secar...
e o que é que há nisso de errado?

Sonha o rio um dia ser lagoa?

É preciso ouvir o canto do silêncio
desses rios de alma lenta do sertão
quando descem entre planos e planuras
empurrados por agosto e o seu cantar.

Sonha o rio um dia ser lagoa?
Sonha deixar de navegar
e abrir entre os ocos do cerrado
seu pequeno oceano em chão mineiro
e a geografia de seu próprio mar?



Não ainda

agora não há sombras,
não ainda.

O que sombreia a noite
quando é vinda?



Momento

Não fora de argila essa manhã
no forno que acende o sol do sul,
e nem cantasse na mata um urutau
e este riacho estreito e arrependido
de haver deixado o alto de seus montes
onde sussurra tudo o que é tristonho
e essa música a musicar os teus ouvidos
Uma canção de amor e esquecimento.
Essa canção que poderia ser de anjos
E vem da terra e do que toda a terra canta,
e é de água e de vento, pedra e sonho.



O silêncio sábio

A tudo a natureza
inunda de aves calmas,
vagarosas no voo
como os velhos
ou os moinhos esquecidos.
Sábias no que calam
como às vezes
calam os velhos
e as crianças.

E é tarde e chove

Seco, sem ares e vidas da vida
tudo resseca neste ar de outono
e o que é igual ao que não é, azula
e no escuro do escuro do que existe
cresce no altar do vento a ara do tempo
e sobre o solo da alma a água apruma
o seu se ir de rio em rio caminho afora.

E é tarde e chove e cai um raio,
e um outro acende o céu
e o céu aclara a noite calma e clara.
E cada estrela é como a espera de outra
e o sol da luz lembra ao olhar do homem
que uma vela só clareia todo o mundo.

o começo do dia

Primaveras de um mar
pobres promessas
de uma pobre manhã
sem vento e sem o sol,
e sem as gaivotas
que ainda ontem
chegaram do outro lado
e aqui vieram repousar.

Uma manhã de maio
aberta como a noite
na janela do dia
para o pescador
que deixou na praia o barco
e voltou ao rancho
mais cedo na manhã
com as mãos vazias

E sobre os ombros
Levava os seus trastes
de mago e de artesão.
E ele dorme agora
E espera a manhã
de um outro dia
onde haja vento e sol,
e sobre a mesa o pão
e o peixe e a alegria.

Nós

O que a natureza faz
eu, um bicho-homem,
fiz antes e depois dela.
Semeei na terra uma semente.
Ela cobriu com a mão,
e de nós dois nasceu
um pé de ipê amarelo.

Quem é de quem?

No Sul de Minas
entre montanhas
comprei uma floresta.

Custou barato
porque é mato,
me diziam.

Mas não tem preço
porque é vida.

E quando eu ando
por dentro da floresta
caminho pensando:
não é ela que é minha.
Sou eu é que sou dela!

Sobre ser, existir

Sinto tanto a falta
de quem nunca veio.
Sentiria a mesmo
se estivesse aqui
aquele que espero
e o seu nome esqueço?

Lembro com ternura
o que nunca vi.
Lembraria tanto
se houvesse visto?

Escrevo o que escrevo
porque já esqueci,
e assim sendo, sou
porque me escrevi.



Sou porque me esqueço.
E seria eu mesmo
se pensar que sou
este que não sei
e, entanto, me assiste?

Então quem me pensa
quando eu, esquecido
na memória de um outro
sonho ser, e existo?



Sobre existir... ser

Saberia eu já
(se já não soubesse)
Que eu sou aquele
que me sendo, esquece?

E quando me esquece
sobra de mim só
a toalha branca
que a memória tece.

E se escrevo isto
como quem se lesse
já não sei se o escrito
é poema, ou prece.

Outono

passa fora o vento
e move as folhas
e as folhas caem
pra voar com o vento.



Tudo é todos, todos são o todo

Toda coisa é um gesto
e tudo envolve o Mundo inteiro
como uma casa, uma alma, um poema.
Todo Ser é um sonho
e, por isso, em cada Ser
habita a alma de todo o Mundo
da estrela imensa à flor pequena.

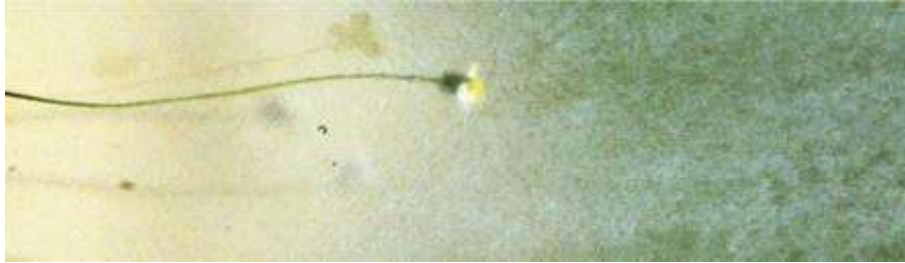
Ontem ventou a noite e madrugada
e hoje um galho de árvore antiga
vogava caído pelo rio de São Francisco
entre a cidade de Barra e Paratinga.
Ele passou por nós na corrente, rio-abaixo
e parecia inerte, seco e sem destino

No entanto, ali no galho seco
no pedacinho de seu vogar sem pressa
passageiro mínimo, e rio que o rio descia
o pequeno galho habita o rio inteiro
assim como o rio que leva o galho
navega nela e habita toda a Terra
e tudo o que nela há e havia.

Assim como a Terra, barquinha errante
habita um traço do Universo
girando na torrente ao redor de um Sol
que com o seu cortejo de planetas e asteroides
navega a Via Láctea com os seus bilhões de estrelas
vogando até algum ponto infinito do Universo,
de que o Galho, o Rio, Eu, Você,
a Terra, o Sol e tudo somos parte.

O galho seco e errante, levado pelo rio
é um gesto da Vida e contém a Vida inteira,
e abraça em seu fluir de rio-abaixo o Cosmo todo,
pois em cada pequenina coisa viva e errante
(mesmo quando caída e sem seiva e seca)
tudo o que existe no fluir da Vida é Vida
e existe como um fio da roda do fluir da Vida.
E no galho, se o sol brilha por um instante,
ele - um galho seco rio-abaixo - é o espelho
onde o sol espelha o seu rosto radiante.

E assim, ao olhar agora um galho de árvore
separado de seu tronco pelo vento e caído
nas águas do rio de São Francisco,
viajante do acaso levado pelas águas do rio
com ares de velho e de menino
eu perguntava: *é o rio quem leva o galho seco,
ou é o galho quem guia o rio ao seu destino?*



*oferenda de despedida
a quem me leu até aqui*

Hoje eu te trago
amigo, amiga
um sol de dores
um rol de flores
e as cantigas
que o povo canta
quando em janeiro
a um deus menino.

Refrãos e frases
te trago hoje
de um ramalhete
que vida afora
levo comigo
quando o sol conta
qual o caminho.

Trago nos bolsos
os inventários
das melodias
que a vida pinta
que a vida fia:
uma de noite
outra de dia.

Mas também trago
amiga, amigo,
flores da mata
lá do sertão,
cheiros de malva
e madressilva.
trago um alqueire
de terra preta
da terra viva
do coração.



Nas mãos, no canto
amigo, amiga
do mês de maio
trago a alegria
de tanto amor
e esse poema
que canta e conta:
o que foi feito
o que foi dito
no dia a dia
do que foi ontem
do que foi nunca.



Amiga, amigo
nunca esquecidos
eu conto ainda
o que foi nunca
e por isso é eterno,
o que foi dor
e por isso é terno,
e a esperança
entrelaçada, entretecida
com o que foi nosso
e por isso é sempre,
com o que foi triste
e por isso é vida,
amigo, amiga.

Quem escreveu se despede de quem leu

Não mereço o que eu mereço
e não leio o que eu escrevo.
Com palmo e meio me meço
e sobra do palmo, o meio.
O que eu sei de mim, esqueço.

Me escrevo no quadro a giz.
Se eu vivi, foi por acaso?
Se fui feliz, foi um triz.
Me apago do quadro negro
e sem saber o que faço
no não-saber me embaraço
e não sei se sou ou não
aquele que se imagina
(sonho? verdade ou delírio?)
ser Carlos Rodrigues Brandão





*Este escrito é um livro de poemas
nunca editado.*

*Como todos os outros desta
ou de outras sequências de escritos meus
ele pode ser livre, solidária e gratuitamente acessado
para se lido ou utilizado de outras maneiras.
Quase tudo o que escrevi ao longo da vida
pode ser encontrado em*

*www.apartilhadavida.com.br
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE*